

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA – UNIPAMPA
CAMPUS JAGUARÃO
LETRAS PORTUGUÊS EAD

Isabel Ribeiro Marques

LITERATURA COMO POTÊNCIA DE PENSAMENTO: EXISTÊNCIA,
RESISTÊNCIA E “RE-EXISTÊNCIA”

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial ao
Curso de Licenciatura em Letras
Português – EAD, campus Jaguarão

Orientadora: Prof. Dra. Marcela
Wanglon Richter

Jaguarão-RS
Outono de 2021



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Universidade Federal do Pampa

ISABEL RIBEIRO MARQUES

LITERATURA COMO POTÊNCIA DE PENSAMENTO: EXISTÊNCIA, RESISTÊNCIA E "RE-EXISTÊNCIA"

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras - Português EaD, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Letras.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 6 de maio de 2021.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Marcela Wanglon Richter

Orientador
(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Luciana Abreu Jardim

(UNIPAMPA)

Profa. Dra. Camila G. dos Santos do Canto

(UNIPAMPA)



Assinado eletronicamente por **CAMILA GONCALVES DOS SANTOS DO CANTO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 06/05/2021, às 18:41, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **MARCELA WANGLON RICHTER, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 15/05/2021, às 14:38, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **LUCIANA ABREU JARDIM, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 09/06/2021, às 12:14, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0515644** e o código CRC **7C64BB9C**.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais).

M357l Marques, Isabel Ribeiro
Literatura como potência de pensamento: existência, resistência e “re-existência” / Isabel Ribeiro Marques.
56 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade Federal do Pampa, LETRAS PORTUGUÊS, 2021.
"Orientação: Marcela Wanglon Richter".

1. Literatura. 2. Gênero. 3. Discurso. 4. Verdade. I. título

DEDICATÓRIA

Aos meus filhos Bento e Joaquim

Vai chegar o momento em que o voo de cada um de vocês, será solo
desejo que nunca deixem de voar
que se soltem de todas as amarras que insistirão em prendê-los

Voem!

Que se mantenham em vigília contra as podas que insistirão em limitar os voos

Voem!

Que se permitam viver sorrindo

Que a tranquilidade de um bom coração seja companhia constante, mesmo quando os dias
possam obrigá-los a mantê-los pousados, apenas respirem, descansem e depois:

Voem novamente

E não esqueçam, meus passarinhos:

Mesmo quando os espaços de voar estejam em planos diferentes, saibam que sempre os
darei asas e sempre serei ninho... sempre!

AGRADECIMENTOS

À **vida** por permitir que momentos como esse sejam possíveis;

À minha amada família, filhos **Bento** e **Joaquim**, meus naquinhos de luz e, **Michel**, dupla de vida, agradeço a compreensão pelas ausências necessárias e assim como já mencionei em outros momentos: “Vocês são minhas asas e minhas raízes!”

À minha querida orientadora Prof. **Marcela**, agradeço a confiança, dedicação e principalmente por aceitar me acompanhar nessa escrita solta, aberta e destemida, tantas vezes mal vista no meio acadêmico. Quero que saibas que independente de qualquer coisa, esse trabalho é um acalanto, formalizar em um texto o que desassossega o pensamento é, ao meu ver, uma micro resistência e, não são todos os dias que conseguimos fissurar estruturas tão densas. Assim como não é fácil encontrar pares para tal empreitada, ainda mais com tamanha docilidade, amorosidade e empatia. És muito especial!

Uma colega que se manteve muito próxima durante todo o curso, precisa estar aqui, **Aline Damaris Mota Rienzo Benitez**, parceira querida de estudos, trabalhos e muita motivação durante todo o curso. Já disse isso, mas deixarei registrado: Foste muito importante nessa caminhada!

À colega **Ieda Gomes Echeverria**, pela parceria durante o estágio.

À **Paula Henning** e aos amigos do GEECAF (Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia) da FURG (Universidade Federal do Rio Grande) por tantos anos de estudo de cunho filosófico, lembrei muito de vocês na escrita do trabalho.

As integrantes da banca, **Prof. Camila** e **Prof. Luciana** cuidadosamente escolhidas, agradeço pela leitura, paciência e colaborações que suas miradas podem propiciar ao texto.

Agradeço por estar apresentando esse texto na **UNIPAMPA** em uma universidade pública na cidade de Jaguarão, onde nasci e hoje também serve de ninho para minha amada família humana e canina.

E, principalmente, agradeço às forças vitais espirituais que fazem companhia constante, proporcionando tranquilidade, motivação e proteção.

RESUMO

O presente trabalho busca, através de textos literários, colocar em suspenso verdades atinentes à produção de discursos de gênero que capilarmente atuam, de formas diferentes mas constantes, perpassando as relações sociais. Partindo de atravessamentos que inspiram um caminhar, que se inquieta e vê potência em pensar sobre coisas que se imiscuem e constituem a todo momento e, lançando mão de conceitos como verdade, discurso e gênero, a escrita é composta, através de atravessamentos que preenchem a contemporaneidade e produzem sujeitos. Através de aporte teórico em autores que convergem em pensamento e reflexão, destaca-se Ryane Leão, Chimamanda Adiche, Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guattari. Os contornos metodológicos se deram através de uma leitura e escrita artística, que se incomoda com a constante distribuição de ideais de verdades que insistem em padronizar opiniões e provoca a desconfiar de normalidades estabelecidas e muitas vezes intocadas. Entende-se a emergência do tema, pois embora o calendário date 2021, vivencia-se uma “pseudo-modernidade”, alocando muitas vezes os discursos de gênero para longe do âmbito escolar, embora perpassa a todas, a todos e a todes, em uma constante e permanente veiculação e distribuição de comportamentos já esperados de antemão. Justifica-se a escolha da literatura para emergir as discussões que podem ser entrelaçadas à temática, pois acredita-se que os textos literários possam proporcionar espaços de existência, resistência e “re-existência”, pela potência de desencadear processos no micro pensar. Ranhuras no que está dado. Pequenas fissuras que podem arejar, oxigenar o que se mostra tão instituído. Desconstruir é um convite que a escrita propõe, em tentames de que se possa vislumbrar novas possibilidades de ser e estar; não para colocar uma nova verdade no lugar, mas para quem sabe provocar o que está dado. Seja bem-vindo a dividir anseios e desassossegos em meio a atravessamentos contemporâneos.

Palavras chave: literatura; gênero; discurso; verdade.

RESUMEM

El presente trabajo busca, a través de textos literarios, poner en suspenso verdades que componen la producción de discursos tribuidos a las discusiones de género, que actúan de formas distintas pero constantes, permeando las relaciones sociales. A partir de inquietaciones que inspiran un caminar, que se preocupa y ve potencia en pensar las cosas que se constituyen en todo momento y, utilizando conceptos como verdad, discurso y género, se compone la escritura, a través de atravesamientos que trencen la contemporaneidad y producen sujetos. A través del apoyo teórico en autores que convergen en pensamiento y reflexión, destaca Ryane Leão, Chimamanda Adiche, Michel Foucault, Gilles Deleuze y Félix Guattari. Los contornos metodológicos se dieron a través de una lectura y escritura artística, que quiere poner en suspenso verdades que insisten en estandarizar opiniones y suscita la sospecha de normalidades establecidas y muchas veces intactas. Se entiende la importancia del estudio porque mismo que en el calendario data del 2021, se vive una “pseudo-modernidad”, donde los discursos de género quedan lejos del ámbito escolar, aunque presente en las demás discusiones, alocado y distribuido con muchos ideales de verdades enlazados. La elección de la literatura se justifica para que emerjan las discusiones que puedan entrelazarse con el tema, pues se cree que los textos literarios pueden brindar espacios de existencia, resistencia y “re - existencia”, debido al poder de desencadenar procesos en el micropensamiento. Ranuras en lo que esta dado. Pequeñas grietas que pueden airear, oxigenar lo que así se establece. Deconstruir es una invitación que propone lo trabajo, en un intento de vislumbrar nuevas posibilidades de ser, estar y vivir; no para poner una nueva verdad en su lugar, sino para provocar lo que se esta dado de antemano. Le invitamos a compartir inquietaciones y cuestionamientos en medio de los atravesamientos contemporáneos.

Palavras-clave: literatura; género; discurso; verdade.

ÍNDICE

<u>PREFÁCIO</u>	10
1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	11
2. COMPANHIA TEÓRICA	13
3. CONTORNOS METODOLÓGICOS	19
4. CRIAÇÃO DE POSSIBILIDADES.....	22
4.1 O AMANHECER ERA O AMANHÃ JÁ SENDO	23
4.2 NA BUSCA DE POSSÍVEIS	28
4.3 SAINDO DO RASO	33
4.4 PREPARANDO NOVOS ARES	40
4.5 QUEM ESCREVE?	47
5. ALINHAVANDO CONSIDERAÇÕES.....	51
<u>POSFÁCIO</u>	53
PARES TEÓRICOS	53

PREFÁCIO

Inspirando...

O presente trabalho provém da vontade, necessidade e possibilidades que a leitura e a escrita propulsionam ao meu caminhar.

Potência de vida; de sentir; de sonhar; de viver.

Decorre de um desejo de inspirar profundamente e almeja assoprar um móvel esquecido no canto da sala, onde a poeira antiga parece fazer parte dele, tornando-o opaco e sem vida.

- O que acontece quando enchemos nossos pulmões de ar e posicionamos nosso rosto próximo ao móvel?

A sala até então pausada no tempo, dispersa pelo ambiente uma nuvem de poeira esbranquiçada. Poeira esta que, parte voa com o vento na pequena fresta da janela, enquanto partículas dançam pelo ar, formando movimentos e posteriormente caindo, se alocando e repousando em outros locais.

- Aaaaatchim. Me desculpem, mas sou um tanto alérgica a poeira.

Expirando...

Talvez quem esteja lendo se pergunte: “O que isso tem a ver com um Trabalho de Conclusão de Curso em uma Licenciatura em Letras?”

Pois bem, muito do que me inquieta e me instiga a pensar, principalmente em se tratando da seara educacional, são as verdades dadas, consolidadas e previamente estabelecidas. Parte dessas verdades provém das constantes repetições maquínicas¹, estereotipadas que fazem com que certos comportamentos e pensamentos que vivenciamos no cotidiano, não passem de uma poeira que está tão aderida que passamos a entendê-las como pertencentes a certos lugares.

Com esse denso parágrafo, quero dizer que, a fagulha motivadora da escrita busca pensar as questões de gênero através de estudos literários, lançando mão de potentes conceitos, como verdade e discurso, que preenchem a contemporaneidade e produzem sujeitos.

Com tais inquietações, o presente estudo convida a enchermos juntos nossos pulmões e que possamos por alguns instantes colocar em suspenso tantas verdades que atravessam nossa maneira de pensar, ser e viver.

¹ Maquínicom com inspiração em Félix Guattari, que utiliza belamente as questões maquínicas na constituição da subjetividade (DELEUZE e GUATTARI, 2010).

1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Sobre o Ser

Partindo de inquietações que inspiram um caminhar, que se inquieta e vê potência em pensarmos sobre coisas que nos atravessam e nos constituem a todo momento, no presente trabalho, pretendo problematizar, através de textos literários questões atinentes à produção de verdades no que concerne aos discursos de gênero.

Entendo que a motivação para essa escrita provém da paixão pela leitura. Ler é uma imensurável possibilidade de Ser. Ser com letra maiúscula mesmo; um ser vivo; ser por estar; por viver no presente; pelos incontáveis mundos que a leitura pode propiciar. Ato político, de amor, de dor, de normatizar, de legislar, ponderar, podar, alarmar. Ao citar esses verbos, parece chegar um bombardeio de “leres” que constituem a vida a todo momento e desde sempre.

Às vezes banalizamos, normalizamos (aqui no sentido de deixar “normal”), a benção da leitura. Ler uma notícia, mensagem, carta, cartão, nota, conta, boleto, exame, placa e os livros, o quanto tais artefatos influenciam na vida de cada um de nós. E os livros, ah os livros! me encanta toda leitura dos sentidos que podem compor um livro, o desenho da capa, as ilustrações, as formas, as cores, o aroma ao abrir a embalagem de um livro novo, o cuidado inicial, depois a escolha das canetas que irei colori-los, rabiscá-los, marcá-los.

Os livros contam muito mais do que as letras que ali estão. Nossa leitura é influenciada pelo que nos constituímos naquele momento. As vivências, ausências, transcendências, o que nos afeta e nos torna quem e o que somos até aquele instante. Sim, até aquele instante, ao virar a página podemos não ser mais as mesmas. Gostando ou não gostando, as ideias se movimentam, transitam, divagam, esbarram, não importa, mas me atrevo a dizer que durante o virar das páginas, podemos “Ser”.

Acredito que possamos pensar a leitura como algo que transcende o livro como mero objeto gélido e distante. Confio nas infindáveis possibilidades de semear a literatura como uma companhia para a vida. Um novo espaço de vivência pode ser aberto junto a um texto. Me encanta encontrar um livro manuseado, surrado, rabiscado que a Isabel de anos atrás leu e, inevitavelmente, penso e até converso comigo mesma: “-Hoje não teria marcado isso!” “-como não percebi isso antes?!” O que não mudou ao longo dos anos foram os rabiscos, marcações, enfeitados com desenhos infantis (presente dos meus filhos), junto

com as páginas viradas de mate². Assim, como Foucault lindamente diz, a literatura pode ser entendida como “*una forma de plantear los temas de la contestación, el límite, el retorno, la transgresión, como posibilidad (...)de pensar desde lo impensado*”. (SAUQUILLO, 2017, p. 58).

Talvez nessas possibilidades de pensar o impensado como Foucault diz, quiçá viva o encanto pelo estudo. Ao contrário do que dizem, não acho que o estudo abra portas, o estudo que se alia a vida não tem portas para abrir, mas pode propiciar um universo a ser explorado.

E, em se tratando de uma licenciatura, me desassossega pensar sobre a bagagem que carregamos conosco proveniente da escola. A constituição de nossa infância, adolescência, fase adulta, todas etapas da vida que são entrelaçadas às tantas lembranças escolares, que podem ser boas ou não. Assim como alguns estudantes brilham os olhos e sorriem ao assistir uma aula, outros tantos levam consigo tristeza, mágoa, dor, preconceito e invisibilidade.

Bauman (2013, p. 13), corrobora, ao dizer que as marcas de vitimização acompanham e, muitas vezes criam marcas que não são despidas de si ao longo da vida. Penso nos efeitos em jovens e crianças, o quanto estamos sendo omissos em bagagens tristes e cruéis que nossos estudantes podem estar levando consigo. Me pergunto, será que não podemos tentar criar fissuras nessas bagagens, deixando-as mais leves, ou então possibilitando que as sejam deixadas para trás?

Acredito que nosso papel enquanto educadores é ter um cuidado para além do que está no plano de aula, nos mantendo atentos e sensíveis, nunca esquecendo de que estamos lidando com vidas e todas são importantes! Questiono: Será que nossos alunos se resumem a um nome na chamada ou então a um número de matrícula?

Diante de tantas inquietações, busco apoio teórico em potentes pares que convergem em potência de pensamento e reflexão. Dentre tais operadores epistemológicos, destaco Ryane Leão, Chimamanda Adiche e alguns autores como Michel Foucault, Gilles Deleuze, Felix Guattari e Friedrich Nietzsche que auxiliam a buscar ranhuras diante tanta sedentarização de pensamento sobre as verdades que assumimos como nossas.

Justifico, através do meu encantamento e apreço pela leitura, a escolha da literatura para o trabalho final de mais um ciclo que está prestes a deixar o alinhavo e se encaminhar para a costura. Acredito e sinto a literatura como uma ferramenta inigualável

² Para muitos, conhecido como chimarrão, o mate é um ótimo companheiro para leitura, se tiver algum “cusquinho” por perto, melhor ainda.

para a vida como um todo, estimulando a criação de possibilidades para além das paredes da escola. Acreditando que os textos literários podem proporcionar espaços de existência, resistência e “re-existência”.

Entendo a urgência do tema pois embora nosso calendário date o ano de 2021, vivenciamos uma “pseudo- modernidade”, alocando muitas vezes os discursos de gênero para longe do âmbito escolar, mesmo que nos corredores, nos intervalos, no café, nos grupos seja um assunto que perpassa a todos.

Buscando uma contextualização, na sequência apresento o referencial teórico que me acompanha na composição da escrita.

2. COMPANHIA TEÓRICA

Conviver e com Viver

Um texto de cunho acadêmico não é escrito sozinho. Vários atravessamentos compuseram o percurso até aqui. A Isabel que aqui está, não é só uma. Sou aquela que escreve na primeira pessoa, mas que também pode buscar distância da terceira pessoa quando o texto me pede esse afastamento. Sou a leitora das tantas obras que fazem coro junto aos meus desassossegos. Sou também a escritora que dedilha aqui sobre afectos e perceptos que tais leituras propiciaram. Antes disso, sou a Isabel, mãe, filha, esposa, amiga, “cachorreira”, que ama a vida e confia que não estejamos encarnados a passeio, acreditando que precisamos vivê-la como um diário semeador, sempre à mercê da colheita que nossas sementes possam propiciar.

O trabalho contém muito mais do que as palavras enfileiradas que as linhas apresentam, tanta leitura, conversa, orientação. Não por acaso a abertura do capítulo chamei de “conviver e com viver”, um conviver de um processo novo de orientação, leituras, textos, autores, mas acompanhados de um viver, por isso então esse “com viver”.

Convivemos com muitas verdades, muitos discursos, as discussões entremeadas aos discursos de gênero estão pulverizadas. Em se tratando de discurso, me inspiro em Michel Foucault que os entende, não como um conjunto de signos que dão nome as coisas, mas como práticas que se aderem ao que nos referimos, nas palavras do autor:

Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna

irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse "mais" que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever (FOUCAULT, A arqueologia do saber, 2008, p. 55).

Em se tratando de gênero especificamente, não o entendo como uma palavra isolada, solta, tampouco uma expressão gélida. Que, a título de curiosidade, aqui no Brasil somente a partir dos anos 80 passa a ser timidamente pronunciada (LOURO, 2020, p. 27). Entendendo o gênero como uma construção discursiva³, pensando-o não apenas como uma unidade, uma palavra, um significado, mas sim, como sendo previamente preenchido, aderido e vinculado a designações que falam por si, muitas vezes a um breve e raso significar que o tornam carregado desse “mais” que Foucault descreve.

Em outras palavras, o que é gênero? É muito mais do que a origem etimológica do termo, transcende as palavras cabíveis em quaisquer dicionários. Chimamanda (2015, p. 21) alerta sobre as ideias de gênero esparramadas que muito deixam a desejar e complementa: “O problema da questão de gênero é que ela prescreve como devemos ser em vez de reconhecer como somos. Seríamos bem mais felizes, mais livres para sermos quem realmente somos, se não tivéssemos o peso das expectativas de gênero” (CHIMAMANDA, 2015, pp. 36-37).

Entendo que o peso e as expectativas existem tão contundentemente pois ideais de verdades estão muito aderidas aos discursos. Sobre o peso de tais discursos e tais expectativas⁴, basta que fiquemos atentos, estão esparramados. Está na loja de brinquedos que separa os brinquedos de meninas e meninos, está na menina que é exibida com orgulho vestindo um quimono para as aulas de jiu-jitsu, enquanto ao menino não é tão comemorado, aos olhos de muitos, frequentar uma aula de balé, está nas cores destinadas a eles e a elas, está ao olhar com desconfiança um negro ao entrar em determinado local, ao destratar uma pessoa pela orientação sexual, dentre tantos exemplos que podemos perceber facilmente no cotidiano.

Sou mãe de dois meninos, atualmente com 8 e 6 anos, certa vez na tentativa de higienizar eficazmente um sugador nasal, despejei água fervente sobre o plástico, que em fração de segundos perdeu sua capacidade de sucção, me desloquei até a farmácia, quando

³ Apesar de Michel Foucault não ter dedicado seus estudos diretamente as noções de gênero, podemos lançar mão de seus conceitos para pensar a contemporaneidade e os atravessamentos que perpassam a vida. Para alguns estudiosos da perspectiva foucaultiana, gênero extrapola os discursos, atuando como um dispositivo. Atuando diretamente da produção dos sujeitos e na subjetividade de cada um. Embora me sinta tentada, como não é o foco do presente trabalho, a temática não será nesse momento aprofundada.

⁴ Aqui não resisto a pensar em ativos expectadores.

pedi a atendente um novo sugador para meu filho que estava todo congestionado, minha surpresa foi quando ela lamentou que só tinha sugador na cor lilás. Somente queria um sugador para um nariz! Em um outro episódio, também em uma farmácia, pedi um curativo adesivo com temas infantis, me perguntaram se era para menino ou menina, queria somente um curativo para um dedo esfolado... Em um outro momento, presenciei uma cliente em busca de um colchão, mesmo gostando do modelo e do preço do produto X, acabou optando por outro, pois o filho, (com apenas 3 anos de idade), não poderia dormir em um colchão revestido com um tecido floral.

Pequenos e singelos exemplos que podem demonstrar como os pensamentos sobre gênero podem ocupar espaços e situações inimagináveis.

Saliento, que as questões atribuídas ao gênero não pairam no dualismo homem e mulher, sem entrar no mérito que dentre homens e mulheres existem muitas maneiras de constituição de masculinidades e feminilidades, o que gostaria de exacerbar são as construções sociais que passam a ter tanta aderência ao conceito. Aproveitando palavras de Ávila:

ao visibilizar as discussões sobre gênero, é mostrar que o mesmo não está apenas no campo de uma teoria, mas que integra e regula as relações sociais, políticas, econômicas e culturais entre homens e mulheres e entre homens e entre mulheres. Além de suas intersecções com outros marcadores de classe, raça e etnia, etc. (AVILA, 2018, p. 52).

Segundo Louro, gênero faz parte dos sujeitos e assim, os constituindo. Nas palavras da autora:

O sujeito é brasileiro, negro, homem, etc. Nessa perspectiva admite-se que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros. Estas práticas e instituições “fabricam” os sujeitos. Busca-se compreender que a Igreja, as práticas educativas ou de governo, a política, etc. são atravessadas pelos gêneros: essas instâncias, práticas ou espaços sociais são “generificados” – produzem-se ou “engendram-se”, a partir das relações de gênero (mas não apenas dessas relações, e sim, também, das relações de classe, étnicas, etc. (LOURO, Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós estruturalista, 2020, p. 29).

Podemos pensar as atribuições de gênero agindo capilarmente nas malhas da sociedade, atuando de maneiras diferentes em cada momento, mas que de forma constante, perpassa as relações sociais. As questões atribuídas ao racismo por exemplo, estão intimamente ligadas ao nosso dia-a-dia: “o racismo tem estado entre os dilemas sociais mais complexos. Mesmo não existindo raça biológica [...] a raça como constructo social tem profundo significado e molda todos aspectos da nossa vida” (DIANGELO, 2020, p. 27).

Presente, complexo e há séculos atuando. Muitos pensam, ou se conformam em pensar, que a escravização de pessoas acabou e faz parte de um período do passado. Mas as marcas desse período triste e sangrento ainda estão precisando sair das invisibilidades.

Nesse sentido, destaco importantes passagens de Djamila Ribeiro (RIBEIRO, 2019) que podem corroborar com o entendimento que presenciamos um racismo estrutural ainda muito presente:

“Quando criança fui ensinada que a população negra havia sido escrava e ponto, como se não tivesse existido uma vida anterior nas regiões de onde essas pessoas foram tiradas à força” (p. 7).

“Com o tempo, compreendi que a população negra havia sido *escravizada*, e não era escrava – palavra que denota que seria uma condição natural, ocultando que esse grupo foi colocado ali pela ação de outrem” (p. 8).

Kilomba (2020, p. 78) destaca que há um racismo cotidiano assombrando dia após dia, colocando o sujeito negro como o outro, com conotações de infantilização, primitivização, incivilização, animalização e erotização. Compartilho alguns excertos do seu livro:

“Quando dizem que não posso ser daqui porque sou negra”⁵; “quando na padaria a mulher branca ao meu lado tenta ser atendida antes que eu”; “quando sou monitorada pela polícia assim que chego a uma estação de trem”; “quando as pessoas olham fixamente para mim. Toda vez que sou colocada como “Outra”, estou experienciando o racismo” (KILOMBA, 2020, p. 80).

Apenas fragmentos recordados, mas visando salientar o entendimento de que a discussão de gênero não se constrói apenas em papéis masculinos e femininos, mas são atravessados pelas relações de poder que operam, hierarquizam e tornam tais discursos ainda mais convincentes (LOURO, Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós estruturalista, 2020, p. 28).

Tantas construções discursivas que recheiam diferentes discursos são constantemente reforçados, são muitas opiniões historicamente reproduzidas, Deleuze e Guattari (2010) afirmam que se trata de algo antigo, os gregos, na época de Platão, tinham a

⁵ Ao morar na Alemanha.

“doxa”, hoje vivemos ainda envoltos a “opinião”, a certezas, verdades, porém, ainda muito mais impulsionadas pelas mídias:

a opinião luta contra o caos que é a multiplicidade de possibilidades; incapaz de viver com o caos, fugindo dele, impondo o “pensamento único”. Mas essa fuga é apenas aparente; o caos continua aí, subrepticiamente jogando dados com nossas vidas. O que importa não é nem vencer o caos, nem fugir dele, mas conviver com ele e dele tirar possibilidades criativas (GALLO, 2008, p. 49).

Discursos tão reproduzidos, reiterados pelas mídias, sendo aceitos como “normais”, deixam essas verdades ainda mais consolidadas. Como Foucault diz, os discursos são práticas que formam objetos (FOUCAULT, 2008, p. 55).

Entendo que os ideais de verdade que se aderem aos discursos são muito reforçados por repetições, recordo da Chimamanda (2019 p. 26) que alerta sobre o perigo de uma história única: “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos” e também de Foucault que explana sobre as verdades:

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sancionam uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; (FOUCAULT, 2015 p. 52).

Somos constantemente bombardeados por verdades que insistem em padronizar opiniões, voltando aos exemplos citados anteriormente: sobre o dualismo menina versus menino, as cores, os brinquedos, os comportamentos. Que verdades rasas são essas? Recordo de Nietzsche (2012, p. 84), que diz: “A falta de consideração pelo individual fornece-nos o conceito e, com isso, tem início o nosso conhecimento: no *rubricar*, nas tabulações de *gêneros*.” Porém, não se trata de apenas um rubricar, os dualismos, provocam efeitos nefastos ao longo de séculos! Basta pensarmos um pouco sobre como as crianças estão sendo educadas, ou melhor, como esses corpos, na sua maioria, estão sendo adestrados⁶. Há uma constante “coerção ao verdadeiro, a obrigação de verdade; os procedimentos ritualizados para produzi-la há milênios atravessam completamente toda a sociedade

⁶ Recordando mais uma vez de Michel Foucault que em vários textos trata da questão do adestramento dos corpos, da disciplina, do poder disciplinar, como por exemplo, ao dizer: “Ora, não é o consenso que faz nascer o corpo social, mas a materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo dos indivíduos” (FOUCAULT, 2015, p. 235).

ocidental e agora se universalizaram para se tornar a lei geral de toda civilização” (FOUCAULT, 2015, p. 248).

Estranho pensar que muitas vezes ao ler isso sobre o adestramento de corpos, muitas pessoas se indignem, já li críticas tais como: ideias retrógradas, antiquadas, somos modernos! Pergunto: que modernidade é essa que apresenta diariamente episódios racistas? Índices de feminicídio em um triste e sangrento topo? Crianças sofrendo silenciosos abusos domésticos?

Mais uma vez podem estar se perguntando: O que isso tem a ver com a licenciatura? TUDO! Aí estamos nós, docentes, discentes, pessoas, que por ventura possam cruzar nosso caminho por uma fagulha de segundos e ainda assim, merecem nosso cuidado máximo. Se não são as vítimas, podem ser os atores sociais para auxiliar a não normalizar esses comportamentos. Embora muitos pensem que não coadunam com esses comportamentos, o fazem de forma enraizada e até sem perceber. Como por exemplo: ao cruzar por jovens na rua, porém ao passar pelo rapaz negro se agarrar na bolsa, ou então ao ver uma menina de roupa curta e pensar “*essa está querendo*”, ver um menino brincando de boneca e dizer “*isso é coisa de bicha*”, por aí poderíamos seguir pensando nas tristes e incontáveis frases, ainda verbalizadas com chiste, porém encharcadas de dor, preconceito e mortes.

Confesso que me incomoda e marejo os olhos no simples fato de escrever esse parágrafo acima. Como conseguimos muitas vezes nos silenciar diante disso? O quanto de cruéis rastros históricos ainda povoam nosso meio?

Entendo que a literatura possa auxiliar na emergência dos debates relacionados aos ideais de verdade aderida às questões de gênero, pela potência de desencadear processos no micro pensar. Ranhuras no que está dado. Pequenas fissuras que podem arejar, oxigenar o que se mostra tão instituído. Não para trazer novas verdades, mas buscando criar momentos de pensamento e reflexão diante de uma realidade, muitas vezes fabricada.

Para tais articulações e buscando apresentar a tessitura do trabalho, a delimitação metodológica será apresentada na sequência:

3. CONTORNOS METODOLÓGICOS

Processo

Desde o início das orientações pairavam dúvidas sobre a delimitação metodológica da pesquisa. Várias possibilidades foram cogitadas, porém precisavam ser alinhados também prazos e recortes em relação às questões tão incertas por estarmos vivenciando, no início do trabalho o oitavo mês da pandemia COVID 19, que ainda perdura.

Escrita

Os contornos metodológicos se deram através de uma leitura e escrita artística, que buscou assoprar verdades, provocações e lançar questionamentos, com base em pressupostos literários e filosóficos, lançando mão de textos poéticos em uma composição que foi sendo composta linha a linha. A escrita se deu sob intempérie e calma, sob calor e frescor, sob sorriso, arrepios e olhos que muitas vezes marejaram.

Conforme comentei anteriormente, a tessitura do trabalho se deu em grande parte na primeira pessoa, porém em certas passagens necessitei do afastamento da terceira, outras senti que minha voz emergia de algum lugar que não saberia nomear. A escrita também se apresenta em diferentes tempos, escrevo ora no presente, pensando no futuro e também no passado. Sobre falar a partir de si, recorro de Deleuze:

não se trata de cada um ter sua hora da verdade, nem escrever suas Memórias ou fazer sua psicanálise: não é falar na primeira pessoa do singular. É nomear as potências impessoais, físicas e mentais que enfrentamos e combatemos quando tentamos atingir um objetivo, e só tomamos conhecimento do objetivo em meio ao combate (DELEUZE, 2010, p. 115).

Esses embates de potências que são impessoais, abarcam a escrita na primeira pessoa; porém às produções de fulguração de intocáveis fragmentos teóricos, são descritos na terceira.

Em relação às fontes escolhidas para o texto, me perdoem a Times e a Arial, peço permissão para usar a dança das letras, o movimento, o contorno, as belezuras que outros traços podem tornar, como sugere Nietzsche (2016 p. 198): “sustentado com coisas inocentes e com pouco, pronto a voar e impaciente por tomar o voo: assim sou.”

Desassossego, desejo e percalços

O desejo sempre ansiou trabalhar com literatura, por acreditar e me encantar com as nuances que podem ser pensadas sobre diversos temas, dentre esses as questões de gênero. Várias possibilidades foram cogitadas, literatura infantil, contos, poesia, recortes e delimitações. O recorte inicial foi a poesia, através da obra de Ryane Leão. Foi sugerido então que selecionasse cinco (5) poemas e, através desses textos previamente definidos a composição do trabalho discorresse.

Confesso que nesse momento que foi sugerida uma seleção numérica de poemas, tive uma interrupção no processo de escrita. Sempre me encantei por poesia, tão lindo sentir o eco de palavras lidas ou ouvidas. Porém, por nunca ter trabalhado *academicamente falando* com tais textos, não me senti muito confortável em uma análise delimitada, fechada, me senti engaiolada.

Como escolher cinco e deixar um universo restante fora? Tanto do que me atravessa e me constitui como pessoa, ser este que pensa, ri, se emociona, se arrepiá, vive e sente os efeitos. Comecei a tentar selecioná-los. Tentei me convencer que poderia tornar esse exercício de escolha algo fácil objetivo. Mas não...

Nesse momento, Ryane Leão entra em cena, recordo imediatamente:

ela me contou
que o sonho dela era ser pássaro
quando desabou não teve jeito
acabou encontrando asas no peito
e soube que são essas as que levam
pra todo lugar
(LEÃO, 2017, p. 22).

De imediato me identifiquei, com essas asas no peito decidi voar, deixar ser, estar, escrever... sujeita as rajadas que poderiam atravessar a dança.

Ryane Leão passou a fazer companhia durante a escrita do trabalho através de alguns poemas da obra “Tudo Nela Brilha e Queima”. A autora, brasileira de Cuiabá, escreve em blogs autorais há mais de dez anos, publica seus poemas na internet e em lambe-lambe, os recita em slams⁷ e saraus, seu trabalho é pautado na resistência das mulheres, focando principalmente no fortalecimento pela arte e pela educação (LEÃO, 2017).

⁷ No slam são recitadas poesias de temas livres, onde muitos grupos utilizam essa expressão artística para dar visibilidade a lutas e movimentos (PAULA, 2019).

O trabalho é visceral, o texto pulsa ao dedilhar das teclas; ao escrever, o pensamento voava longe e teclava. Quando percebi, o trabalho já estava em andamento. Selecionei, porém não como um recorte de análise, mas como mais um convite. Buscando as asas que no meu peito crescem, habitam e lançam voo. Através de uma escrita solta, franca, visceral.

Havia vontade de ir. Sem saber o que iria encontrar. Tampouco o produto final. Apesar dos pesares, não no sentido de pêsames, mas sim no sentido de peso, a escrita prosseguiu, com interrogações, expiações, talvez com descrédito, aqui recordo da apresentação do projeto quando ouvi “- será que terás pernas?” A resposta: Não sei, mas asas tive, voei, flutuei e lancei ar ao pensamento. Aqui recordo Deleuze inspirado em Leibniz (2010, p. 122) que diz que “a lógica de um pensamento é como um vento que nos impele, uma série de rajadas e de abalos. Pensava-se estar no porto, e de novo se é lançado ao alto mar”.

O pensamento fluiu os discursos perpassam o dia a dia, a sexualidade é tema recorrente, porém em alguns espaços é Tabu (com letra maiúscula). Com o desejo de imanência, imanência como uma imagem de pensamento do que significa pensar, usar o pensamento, fazer uso do pensar (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 47).

Para composição do trabalho, o próximo capítulo intitulado “criação de possibilidades” está subdividido em 5 (cinco) partes, a cada abertura dos subcapítulos, há um poema da obra “Tudo nela brilha e queima” de autoria de Ryane Leão e uma experiência poética que compõe um conjunto de contos em torno de uma estudante, um professor de literatura e experiências humanas de identificação, como tentames em ranhurar, provocar pequenos movimentos subversivos às práticas de ser e viver.

Os poemas não foram escolhidos ao acaso, selecionei inicialmente os que mais provocaram meu pensamento. Após essa análise, sem traçar uma abordagem específica, me via pensando em certos temas sob tais atravessamentos e assim o trabalho foi sendo composto.

Nesses tentames, na sequência, apresento o capítulo que se aproxima de uma abordagem analítica da pesquisa, intitulado “criação de possibilidades”.

4. CRIAÇÃO DE POSSIBILIDADES

Assim como anunciado, o presente capítulo utiliza poemas selecionados previamente, da obra “Tudo nela brilha e queima” de autoria de Ryane Leão e uma experiência poética narrativa em cada movimento do capítulo.

Entendo esse momento do texto como o exercício de análise do trabalho, através de uma movimentação de poemas, escritos pessoais e conceitos em uma composição que possa permitir um tipo de dança. daquelas que pulamos, voamos, retornamos ao solo, mas sempre como uma melodia de vida. De ser, estar, viver, sonhar e pensar. De acreditar na educação como poderosa ferramenta e na literatura como um combustível dessa ferramenta.

Conforme “confessei” anteriormente, não sabia ao certo para onde o texto ia ir... as rajadas literárias foram acontecendo... os embalos das nuvens, os rebojos que vieram com as tempestades de escrita também iam dando coro. Quando percebi, emergia um outro alguém no texto, que dos espaços de criação passaram a fazer parte da escrita...

Contextualizando, o quarto capítulo está subdividido em cinco movimentos, cada um deles é inaugurado com um poema da Ryane Leão e na sequência uma experiência poética precede as reflexões de cunho teórico artístico.

Através desses pares, de principais potências conceituais almeja-se momentos de “suaves desterritorializações” pegando fragmentos da realidade, se posicionando, fazendo escolhas. Criando possibilidades de pensar diferente. Exercitando um olhar quem sabe mais atento e menos pré-direcionado: “Um trabalho, quando não é ao mesmo tempo uma tentativa de modificar o que se pensa e mesmo o que se é, não é muito interessante” (FOUCAULT, 2014, p. 234).

Bem vindas e bem vindos a esse compartilhar de ideias, pensamentos e reflexões!

4.1 O AMANHECER ERA O AMANHÃ JÁ SENDO

vamos dando um jeito
vivendo novas estradas
que tapam antigos buracos
ele me disse
paz é melhor que certeza
então é isso
esse alívio aqui dentro
é que vai me levar além
(LEÃO, 2017, p. 27)

∞ ∞ ∞ ∞

E, mais um dia amanheceu.

Ela esfrega os olhos. Se estica. Desliga o despertador automático do smartphone. Ela levanta . Aperta um botão da cafeteira previamente programada. Confere as informações mundiais em tempo real. Conversa por vídeo com a amiga que mora do outro lado do planeta e assim, a jovem estudante parte para a escola para mais um dia de aula.

O que encontra ao chegar?

Chega no portão da escola e no comprido corredor vai espiando sala a sala. O que vê?

Não é difícil imaginar... ambientes pálidos, cadeiras enfileiradas, uma lousa, algumas salas com cartazes desbotados pelo sol e umas pontas soltando da parede, alguns professores já organizando seu material de trabalho em cima de uma mesa maior, posicionada logo a frente das classes.

Ela pensa ironicamente: lá estão eles organizando a fala de quem sabe para despejar a quem não sabe. - Utilizando o mesmo conteúdo programático anos a fio... -Mas vamos lá, mais uma aula está prestes a começar.

E ela seguia pensando e caminhando: -Acordar cedo para assistir aula de literatura, deve ser aqueles mesmos livros de sempre que na hora de estudar pego algum resumo na internet...

∞ ∞ ∞ ∞

E, assim, muitas escolas começam novamente seus turnos. Diversos locais destinados à educação ainda reproduzem esse formato proveniente da revolução industrial anos a fio. Por mais que a vida tenha mudado, e muito. O obsoletismo das práticas escolares vai muito além das paredes escolares. Do lugar do professor como profeta do saber e do aluno com o vazio do aprendiz.

Ilustrando tais desconfortos, irei citar alguns excertos extraídos de obra de Antônio Mello, que logo abaixo irei referenciar, tratando da educação como um todo:

“Atualmente, a opinião dominante é para condenar a educação do passado, que foi essencialmente verbal, artificial, em desacordo...” (p. 317).

“Pela escola clássica tradicional, havia um pensamento puro, capaz de se organizar pelo ensino verbal” (p. 317).

“A alma da criança não é mais aquela página branca, na qual segundo se pensava, na qual tudo se poderia escrever” (p. 317).

“os pedagogos modernos consideram a escola tradicional como tão errônea, que chegam a classificá-la como ridícula” (p. 319).

“O objeto da aprendizagem de nada significará, se não estiver em relação com o sujeito que aprende, em relação com as suas necessidades reais de desenvolvimento e integração social” (p.320).

No que se refere a questão da sexualidade, destaco outros excertos da mesma obra:

“Até aqui andamos dominados por um moralismo artificial e cheio de religiosidade [...] tornando-os inacessíveis ao ensino e até a investigação” (p. 497)

“o quanto é difícil e quanto anda impregnado de convenções o problema da nossa educação sexual” (p. 499)

“educação tradicional tão impregnada de proibições e tabus religiosos” (p. 500)

Alguma surpresa ao ler essas frases? Creio que não! Não por acaso não coloquei a referência completa ao citá-los...

Por ora, também sou como uma pequena traça que adora perpassar em livros antigos, todas as citações supra citadas encontrei em uma obra de 1956. Mais de 60 anos!!! (MELLO, 1956).

O obsoleto escolar é explícito. Não se trata de pegar as frases deslocadas de sessenta anos atrás e trazê-las para o hoje com a mesma composição. São momentos diferentes, a realidade é definida pelo momento presente. Não busco fazer uma análise genealógica das frases citadas, mas sim, que possamos pensar que antigas perturbações soam familiares apesar do lapso temporal. São olhares do presente lançados ao passado.

Digo isso, pois embora sejam temas latentes, nessas últimas décadas muitas coisas mudaram no que se refere a sexualidade:

As novas tecnologias reprodutivas, as possibilidades de transgredir categorias e fronteiras sexuais, as articulações corpo-máquina a cada dia desestabilizam antigas certezas; implodem noções tradicionais de tempo, de espaço, de “realidade”; subvertem as formas de gerar, de nascer, de

crescer, de amar ou de morrer. Jornais e revistas informam, agora que um jovem casal decidiu congelar o embrião que havia gerado, no intuito de adiar o nascimento de seu filho para um momento em que disponha de melhores condições para criá-lo (LOURO, G, 2019, p. 10).

Nesse sentido que explano, não se trata de uma abordagem genealógica. Embora os exemplos sirvam para pensarmos no tema, podemos enxergar tais inquietações sempre sujeitas a atualizações, reatualizações e novas maneiras de serem trazidas às pautas.

Seis décadas atrás possivelmente pareceria tema de ficção pensarmos nas discussões sobre mudança de sexo e/ou inseminação com material genético de uma pessoa já falecida por exemplo. Por isso mais uma vez ressalto, que embora possamos pegar fragmentos de outros momentos para corroborar com temas atuais, não podemos olvidar que a cada momento e por cada olhar os vieses se modificam também.

Castro afirma que:

ao formularem-se as questões concernentes à escola e às relações pedagógicas, parece haver uma recusa ou uma resistência às narrativas sobre as sexualidades e relações de gênero. Embora sejam parte desses currículos, exatamente porque constituem os sujeitos e suas experiências (2014, p. 68).

Que possamos pensar e repensar a escola, a entendendo também como um espaço que é preenchido por regras que estão entranhadas em suas paredes, como Foucault analisa a escola: “se desenvolve através de todo um conjunto de comunicações reguladas (lições... ordens, exortações, signos codificados de obediência...), e através de toda uma série de procedimentos de poder (vigilância, recompensa e punição, hierarquia piramidal)” (1995, p. 288).

Esses efeitos de poder e disciplina são nítidos. Não se trata de querer bani-los ou negá-los, mas que possamos permitir espaços de fala, escuta e criação de micro fissuras dessa consolidação discursiva tão aderida à escola.

Voltando ao poema que inaugurou o capítulo, entendo que há eminente necessidade de novas estradas, para tapar antigos buracos que estão há mais de 6 (seis) décadas sendo ressaltados em livros. Paz realmente é melhor que certeza. Certeza que precisamos rever nossos modos de ser e viver. Paz de estar em uma licenciatura que permite esses espaços de respiro em meio aos tentames de disfarçar tantos buracos.

Buscando ranhurar em meio a tanto engessamento, a literatura emerge como possibilidade de cavoucar e respirar. Para muitos aquela disciplina escolar tranquila, leve, “fácil de passar” como dizem alguns alunos. Como me encanta as aparências amistosas. O

tímido embate pode ser mais perturbador que o estrondo que nos surda. Como lindamente Foucault diz: “temos que ouvir o ronco surdo da batalha” (FOUCAULT, 1987).

Pensando nas práticas em aula. Não proponho prever a caminhada, mas lançar os dados e esperar que o jogo se dê. Inusitado, inesperado, assim como é a vida. Temos uma organização prévia sobre como as coisas podem se dar, mas sempre sujeitos aos descaminhos do caminhar.

Será que somos capazes de sermos diferente do que somos até então? Acredito que sim. Basta que consigamos colocar em suspenso tantas verdades que nos parecem tão óbvias, que insistem em nos estagnar, que a todo instante parecem congelar nossas ideias como estanques. Suspeitar de nossa subjetivação.

Entendo que possamos compartilhar com nossos alunos a responsabilidade sobre o que pensamos e o que estamos fazendo com nosso pensamento. O que estamos colocando como prioridade. O que estamos verbalizando. Proclamando. Contestando. O que estamos constituindo e sendo constituídos nos espaços que circulamos?

Assim, buscando alinhar as práticas escolares, com a importância de pensar sobre possibilidades de estimular o pensamento e problematizar verdades duras e não tão modernas, compartilho no próximo movimento do capítulo, o segundo poema de Ryane que me instiga muito a pensar sobre a literatura como força de pensamento e vitalidade consciente.

4.2 NA BUSCA DE POSSÍVEIS

se enganam os que não sabem
que a literatura também é uma arma

a mais carregada
a mais poderosa
tanto que os livros que um dia foram incendiados
ficaram

(LEÃO, 2017, p. 100)

∞ ∞ ∞ ∞

Ela arruma seu material em uma classe de fórmica em um tom verde que lembra paredes de hospital.

Repousa a cabeça em uma das mãos, enquanto com a lapiseira de ponta fina ensaia rabiscos enquanto a aula não começa.

Um novo professor chega apressado, entrando rápido e um tanto desajeitado, parece lançar uma pedra no lago da mesmice, logo atrai os olhares curiosos da turma.

Alunos cochicham, -ah aula de literatura, fácil de passar, vamos novamente buscar na internet um resumo dos clássicos, decorar os personagens e pronto!

O professor sorri e se apresenta. Os olhos dele brilhavam ao falar dos livros. A turma até então perturbada com murmurinhos em todos os cantos, começa a silenciar, pouco a pouco é atraída pelas palavras daquele homem, até então desconhecido.

O professor, sorri, enquanto caminha pela sala de aula e distribui livros de diferentes gêneros literários para os alunos e lança a pergunta:

- o que será essa tal literatura?

A aluna até então dispersa, enrolando uma mecha do cabelo, é atraída pela capa do livro que o professor delicadamente lhe entregou sorrindo, ilustrada com uma imagem de uma pintura de dois séculos atrás, que mostrava crianças indígenas sorrindo e brincando perto de um lago, animais e uma paisagem linda de verão.

Repousa o lápis e o pensamento flui...

A luminosidade, os sorrisos e o momento belamente ilustrados ali, pararam no tempo. As guerras vieram, a tribo não existe mais, tampouco as circunstâncias que inspiraram tal pintura.

A pintura pausou no tempo. O livro impresso está nas mãos de uma jovem do século 21, que se sente totalmente hipnotizada, analisando cada detalhe. Ao virar a página, repara que a grafia das palavras não é a mesma. Pontuações, acentos. E as crianças? O que será que aconteceu com aqueles sorrisos? O pensamento voou...

∞ ∞ ∞ ∞

A literatura é arte. A arte, seja pintura, desenho, gravura, música, poesia, enfim, pode provocar uma série de sensações. Como dizem Deleuze e Guattari a arte é uma das poucas coisas que se conserva (2010, p. 193):

Num romance ou num filme, o jovem deixa de sorrir, mas começara outra vez se voltamos a tal página ou a tal momento [...] o ar guarda a agitação, o sopro, a luz que tinha, tal dia do ano passado, e não depende mais de quem o respirava naquela manhã. Se a arte conserva não é a maneira da indústria, que acrescenta uma substância para fazer durar a coisa. A coisa tornou-se desde o início, independente do seu “modelo”.

[...] E ela não é dependente do espectador ou do auditor atuais que se limitam a experimentá-la.

Os autores ainda afirmam que em relação a obras artísticas, o que conserva a coisa, ou a obra de arte são as sensações propiciadas. Os sentimentos ao ler um texto, ao ver uma imagem. Existem textos, que apenas lemos e não aderem ao nosso pensamento. Enquanto outros, parecem que vem de tal forma que mexem tanto conosco, que muitas vezes precisamos fechar o livro para, tentar que, todas aquelas sensações busquem algum repouso. Algumas passam a fazer morada dentro de nós e se tornam indissociáveis dali para diante.

Esses efeitos, são belamente nomeados pelos autores (Deleuze e Guattari) como afectos e perceptos, conceitos que transbordam a força daqueles que são atravessados por eles, são seres que valem por si mesmos e excedem qualquer vivido, é um ser de sensação, e existem em si (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 193-194).

Entendo que um texto literário, um poema componha muito do que os autores exprimem. Pintamos, escrevemos, produzimos e lemos através de sensações:

As sensações como perceptos não são percepções que remeteriam a um objeto (referência); se se assemelham a algo, é uma semelhança produzida por seus próprios meios, e o sorriso sobre a tela é feito de cores, de traços, de sombra e de luz. Se a semelhança pode impregnar a obra de arte, é porque a sensação só remete ao seu material: ela é o percepto ou o afecto do material mesmo, o sorriso de óleo [...] o suporte da tela, o agente do pincel ou da brocha, a cor no tubo), que é difícil dizer onde acaba e onde começa a sensação, de fato; a preparação da tela, o traço do pelo do pincel fazem evidentemente parte da sensação.

[...] a sensação não se realiza no material, sem que o material entre inteiramente na sensação, no percepto ou no afecto (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 196).

Deleuze e Guattari, exemplificam com uma pintura, mas penso muito na literatura em se tratando de afectos e perceptos, textos que mexem com nosso estado mental e emocional. Isso transpõe a escolha do papel que o texto é impresso, do aroma do livro, das gravuras escolhidas, das cores eleitas para compor a página. Importam? Sim! Fazem parte das sensações, mas a leitura, a maneira que o texto chega a cada um que pode proporcionar um concerto de emoções e sensações.

Os autores afirmam que essa é a razão de ser de uma obra artística, arrancando o percepto das percepções, arrancando o afecto das afecções, como passagem de um estado para outro (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 197). Quando o poema de Ryane, inaugura o capítulo é desse composto de emoções que atribuí à literatura. Por acreditar que literatura também é uma poderosa arma, tão poderosa que pode atravessar nossas emoções e, assim como compartilho no início da escrita, pode fazer com que a pessoa que abra o livro, o feche sendo um pouco diferente do que quando começou a leitura. Uma poderosa arma!

A literatura é sim, carregada e poderosa. Os estudantes merecem ter em mãos esse potente arsenal. Penso em arma no sentido de munir, deixar o artefato pronto para novos disparares, novas miras? Talvez... mas penso nas armas como uma pequena granada de pensamento que ao ter seu dispositivo acionado pode gerar ondas inimagináveis.

Deleuze e Guattari (2010, p. 199) em se tratando especialmente escrita, dizem que o material dos escritores são as palavras e a sintaxe. Sintaxe que se ergue e entra na sensação através de perceptos, podem ser perceptos oceânicos, urbanos, espetaculares: “a paisagem vê” e também se faz ver e sentir, podendo ser telescópios ou microscópicos. Os afectos são os devires não humanos propiciados.

Uma composição que atravessa e é atravessada nesses movimentos de sensações. Ao elencar poemas, não se trata de uma organização de palavras que combinam, mas os compartilho na escrita do trabalho pelo conjunto de sensações que se transformam, vibram se enlaçam ou se fendem, escolhidos por entender mostrar afectos, criar perceptos através de obras que nos apanha no composto (DELEUZE e GUATTARI, 2020, p. 207).

Ao entender textos literários como obras de arte considero de fundamental importância pensar no misto de sensações que os leres podem provocar em sala de aula, longe de um texto frio, ou da decoreba dos personagens da obra tal. Mas da leitura como meio de pensar o presente: “o escritor torce a linguagem, fá-la brilham abraça-a, fende-a, para arrancar percepto das percepções, o afecto das afecções, a sensação da opinião (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 208).

Somos constantemente influenciados através do que vemos e sentimos. Nossa trajetória de vida é o que nos faz pensar sobre o mundo, mesmo que imediato não o percebamos, somos sempre influenciados e modificados pelo que vemos e sentimos, o piloto pilota, mas também é pilotado pelas intempéries, a vida é um incessante processo de viver aprendendo e aprender vivendo, porém pela educação formal as vezes é um embate (MATURANA e VARELA, 2011, p. 10).

O poema de Ryane que diz que a Literatura é a maior arma que há, converge nesse misto de potências que a leitura de forma despretensiosa pode propiciar. Alunas e alunos munidos de pensamento, reflexão, resistência, com possibilidades, mesmo que micro, de estranhar verdades tidas como legítimas. Mas que são construções...

Construções. Mas que nos constroem também, somos constantemente constituindo e sendo constituídos por diferentes atravessamentos. Os discursos de gênero, como anunciado no decorrer do texto, trata-se de um tema urgente, que precisa sair das margens e emergir para colocamos em xeque a maneira que analisamos comportamentos *normalizados*.

Sob tais movimentos penso que as vezes sair do morno, do tranquilo, pode ser amedrontador, doloroso, porém, exige coragem de tentar novas maneiras de ser e estar. Nesse sentido, convido a entrar, em águas geladas, junto ao poema de Ryane no próximo movimento do texto.

4.3 SAINDO DO RASO

a água do mar está gelada demais e ninguém se arriscou a entrar. já reparou que as pessoas fogem do que pode tirá-las da temperatura ambiente? eu não sou desse jeito. gosto da adrenalina do que tiver que ser será. sempre é, sempre será.

tenho pavor de raso, quando metade do corpo fica dentro da água e metade não. eu sou dos fundos, entende?

(LEÃO, 2017, p. 66)

∞ ∞ ∞ ∞

Ela olha novamente a capa do livro e ao mesmo tempo que a contempla, também sente o coração apertado. O que aconteceu com aquelas pessoas?

A arte mantém a cena, mas os próximos acontecimentos ficaram por lá. Conseguiram envelhecer ali? Foram mortos? Felizes? As crianças puderam ser crianças? A aluna lembra das aulas que abordam questões de ocupações de terra, de dizimação de povos indígenas, quilombolas, genocídios ao longo dos sangrentos rastros históricos.

Mas o que mais a aflige é que ao observar as suas próprias mãos que quase acariciam delicadamente a imagem, ao passar os dedos sobre o rosto das pessoas ilustradas ali, carregam também dor e preconceito, mesmo que a terra tenha dado muitas e muitas voltas. Seus olhos marejam em um corpo que carrega muito, mas muito mais do que os olhos podem ver. Cada corpo tem uma vida que o habita e o faz pulsar nas entranhas mais profundas. Os sentimentos são viscerais. Há marcas, histórias, cicatrizes de navios que aportaram por aqui e até hoje retumbam práticas perversas e cruéis.

A aluna, sente uma lágrima que insiste em cair em seus lindos olhos cor de ébano. Ela permite, ela se permite, respira fundo e sorri. Que bom viver, existir, sonhar e honrar o sangue que carrega consigo.

∞ ∞ ∞ ∞

A “jovem”... Os “alunos”... acho interessante pensar que muito se lê sobre “os” alunos, seres distantes, aqueles corpos que poderão absorver o conteúdo previamente programado e organizado pelo professor. Como provoquei anteriormente, o número da matrícula, a sequência de letras na chamada que forma um nome.

Quem são os alunos? Essas pessoas? O que carregam junto aos corpos? Que corpos são esses? Que vidas são essas?

“Analfabetismo entre negros é quase o triplo que entre brancos”⁸

“Apenas 1 em cada 10 alunos de escolas privadas na cidade de São Paulo é negro”⁹

Esses corpos carregam marcas históricas Ribeiro salienta que:

apesar da Constituição do Império de 1824 determinar que a educação era um direito de todos os cidadãos, a escola estava vetada para negras escravizadas. A cidadania de estendia a portugueses e aos nascidos em solo brasileiro, inclusive a negros libertos. Mas esses direitos estavam condicionados a posses e rendimentos, justamente para dificultar aos libertos o acesso a educação (RIBEIRO, 2019, p. 9).

Outros dados descritos na obra de Ribeiro (2019, p. 93, 94 e 99) são ainda mais cruéis:

“entre 2007 e 2018, 553 mil pessoas foram assassinadas no Brasil. O total de mortos é maior que o da Síria, país que enfrenta há sete anos uma guerra civil e que, segundo as Nações Unidas (ONU), contabiliza 500 mil mortos.”

“Os negros representam 55,8% da população brasileira e são 71,5% das pessoas assassinadas.”

“Entre 2006 e 2016, a taxa de homicídios de indivíduos não negros (brancos, amarelos e indígenas) diminuiu 6,8%, enquanto no mesmo período a população negra aumentou 23,1%”

“Segundo dados da Anistia Internacional, a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado no Brasil”

“dois em cada três presos no Brasil são negros”

“em quinze anos a prisão de mulheres aumentou 567,4%”

“68% das encarceradas são negras, a maioria é mãe, não possui antecedentes criminais”

O que esses dados podem nos dizer? Será que estamos atentas às disparidades sociais que atravessam a contemporaneidade? Embora o acesso à educação venha crescendo, mesmo que a passos tímidos¹⁰, o racismo é um tema urgente, emergente e de fundamental importância a ser pensando em consonância com a educação.

O poema que trata da água gelada foi escolhido pensando que, às vezes, sentimos medo de sair do morno, mas também em muitas situações quem sofre racismo, preconceito

⁸ Disponível em Analfabetismo entre negros é quase o triplo que entre brancos - 15/07/2020 - UOL Educação. Acessado em 4/01/21.

⁹ Disponível em: Apenas 1 em cada 10 alunos de escolas privadas de São Paulo é negro - 22/11/2020 - Educação - Folha (uol.com.br). Acessado em 4/01/21.

¹⁰ Fonte: Censo Escolar/ME. Disponível em Censo Escolar — Inep (www.gov.br). Acessado em 4/01/21.

pela orientação sexual, por ser mulher, pode se sentir também como se mergulhado a força na água gelada. O choque pode ser mortal, mas também pode ser potência de vida. Força e motivação para seguir adiante levando consigo o efeito propiciado pela imersão em algo novo.

Kilomba (2020, p. 223), atesta que a escravidão e o colonialismo, embora tenham aparência de passado, estão ligados ao presente. Em seu livro, *Memórias da plantação*, a autora descreve o racismo não apenas como um passado colonial mas como um presente traumático, muitas vezes negligenciado. Em se tratando especificamente do meio acadêmico, Kilomba (2020, p. 52) aborda sobre a escassez de produção de trabalhos de escritoras negras e escritores negros que muitas vezes ficam fora do corpo acadêmico, não havendo uma coexistência harmônica com escritores não negros. Impossível não lembrar de Carolina de Jesus, autora que é um fenômeno literário, já tendo vendido mais de quatro milhões¹¹ de obras no exterior, tendo seus textos traduzidos para mais de 14 idiomas e se perguntarmos para um grupo de dezenas de pessoas, tenho a triste certeza que poucos poderão já ter ouvido falar sobre ela. Assim como Conceição Evaristo, outra notável autora que traz tanta oxigenação nas suas palavras, Eliane Potiguara com suas raízes indígenas, Mel Duarte com seus poemas contemporâneos, Bell Hooks uma voz emblemática para temas tão importantes.

Nas palavras de Kilomba: “não posso ignorar quão difícil é para nossos corpos escaparem às construções racistas sobre eles, na academia” (2020, p. 65). Ao encontro dessa invisibilidade na academia, Ribeiro destaca como é raro que as bibliografias e bibliotecas de cursos indiquem a produção de pessoas negras, principalmente de mulheres negras (RIBEIRO, 2019, p. 63).

Os dados citados anteriormente sobre o racismo, corroboram com as percepções de autora supra citada. A realidade é presente, constante e atua diariamente. Os discursos de gênero possuem tamanha ação que atira para as margens o que difere das normalidades estabelecidas. Marginalização cotidiana. As relações de poder estabelecidas sustentam tais discursos marginalizados.

Muito interessante pensar através dos ensinamentos de Michel Foucault quando diz: “aquilo que uma sociedade exclui, joga para as margens é o que constitui seus limites, as

¹¹ Fonte: <https://www.portugues.com.br/literatura/carolina-maria-de-jesus.html>. Acessado em 10/4/21

suas fronteiras e é justamente o que a define, o que dá seus contornos e o seu desenho” (JUNIOR, VEIGA-NETO, & FILHO, 2011).

Kilomba (2020, p. 71) diz que o racismo muitas vezes visto como periférico, marginal, localizado em outros lugares, é uma realidade, tanto que por muitos anos, o racismo nem foi visto e refletido como um problema significativo nos discursos acadêmicos.

Esse desenho da sociedade contemporânea precisa ser trazido às principais pautas, das margens para o centro das discussões. Os marcadores sociais ocupam e operam relações de poder. Aproveitando das palavras de Louro ao abordar as questões de gênero, onde afirma que as diferenças e desigualdades que perturbam e incomodam, não estão “lá fora”, distantes, mas estão se fazendo e refazendo a todo instante e tem relação direta com nossas imediatas práticas sociais (LOURO, 2020, p. 13).

Quando penso nas relações escolares, entendo como um campo muito fértil para análise e questionamentos sobre tais atravessamentos atribuídos às questões de gênero. Como um convite a pensar sobre o quanto rastros históricos discursivos extrapolam e transcendem nosso dia a dia, proporcionando efeitos que subjugam e inflam dicotomias perversas.

Ao colocar verdades em suspenso podemos causar instabilidade em sólidas verdades que com esses abalos podem vir a lentamente a rachar. Nessas frestas, rachaduras e ranhuras possam crescer novas formas de ser, estar, sentir, viver e respirar novos ares.

Não por acaso, o poema do mar gelado foi escolhido para inaugurar esse momento do capítulo. O mar gelado pode ser um passo atrás para entramos, o morno pode ser confortável, isso vale para o mar e também para alguns temas, que às vezes dão medo de tocar. Aqui recorro de um trecho do livro de Louro que diz que o desacordo e a divergência podem ser muito valiosos (LOURO, Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós estruturalista, 2020, p. 14).

Fato que considero de fundamental importância é que embora as discussões de gênero possam parecer incipientes para muitas pessoas, ou então, como questões distantes para outras tantas, onde talvez possa ser melhor “não mexer com essas coisas”, enquanto docentes, podemos pensar e atuar em sala de aula, inclusive com respaldo legal sobre tais temas. Na sequência compartilho algumas prerrogativas de cunho legal.

Inicialmente destaco a lei máxima do país, a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 19, inciso terceiro traz a seguinte previsão “É vedado à União, aos Estados, ao Distrito

Federal e aos Municípios: [...] III- criar distinções entre brasileiros ou preferências entre si. (BRASIL, 1988).

Começo de antemão citando a carta magna, para ressaltar que temos em vigor na principal lei brasileira a vedação de distinção entre as pessoas. Além da nossa lei maior, temos a Lei que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (LEI Nº 9.394/ 1996) que estabelece em seu artigo terceiro uma série de prerrogativas que concernem aos princípios do ensino. Dentre esses temos: liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a cultura, o pensamento, a arte e o saber; pluralismo de ideais e de concepções pedagógicas; respeito à liberdade e apreço à tolerância e, ainda incluído em 2013, dispõe também sobre a consideração com a diversidade étnico-racial.

Buscando mais aporte legal, temos a Resolução nº 1, de 30 de maio de 2012 que estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos, a serem observadas pelos sistemas de ensino e suas instituições e em seu artigo terceiro traz a Educação em Direitos Humanos, com a finalidade de promover a educação para a mudança e a transformação social, fundamentando-se em alguns princípios como: dignidade humana, igualdade de direitos; reconhecimento e valorização das diferenças e das diversidades.

Ainda temos a Lei n. 10639/2003, que alterou a Lei das Diretrizes Básicas da Educação, indicando a obrigatoriedade do ensino da história africana e afro-brasileira. O parecer CNE/CEB 2/2017 quanto à abrangência das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, dentre outras tantas normas que podem fazer um coro aliado a vontade/necessidade de trabalhar em sala de aula temas tão urgentes e negligenciados.

No ano de 2018, a Base Nacional Comum Curricular, trouxe, embora que timidamente, prerrogativas para embasar as possibilidades escolares que precisam emergir:

Diversificar, ao longo do Ensino Médio, produções das culturas juvenis contemporâneas (slams, vídeos de diferentes tipos, playlists comentadas, raps e outros gêneros musicais etc.), minicontos, nanocontos, best-sellers, literatura juvenil brasileira e estrangeira, incluindo entre elas a literatura africana de língua portuguesa, a afro-brasileira, a latino-americana etc., obras da tradição popular (versos, cordéis, cirandas, canções em geral, contos folclóricos de matrizes europeias, africanas, indígenas etc.) que possam aproximar os estudantes de culturas que subjazem na formação identitária de grupos de diferentes regiões do Brasil. (BNCC, 2018, p. 88)

Não proponho com o texto explicar sobre a sólida fundamentação jurídica que podemos nos sustentar para levar às aulas conteúdos atinentes ao que o texto aborda. Pincelei alguns instrumentos legais com importância irrefutável para demonstrar e

corroborar que não estamos pensando em temas esparsos, soltos, temas “da moda”. O embasamento supra citado, converge no sentido de trazer um respaldo jurídico legal a temas que ainda aparecem nas margens da seara educacional.

O trabalho expõe que temos sim, fundamentação teórica, legal e sentimental também. Sinto, penso, desejo e almejo faíscas. Como nas noites escuras que parecem pausadas no tempo/espço em que um vagalume aparece repentinamente e nos faz sorrir, mesmo que sua luz não seja mais vista no mesmo lugar que ali esteve.

Para isso, poderemos sair da água gelada com a deliciosa sensação do sol aquecendo nossa pele, ao aquecer, podemos nos energizar para voar.

Buscando esse voo, justifico a escolha do poema de Ryane para a quarta subdivisão do capítulo.

4.4 PREPARANDO NOVOS ARES

Você não precisa que ninguém te ensine a voar

Está no seu espírito

Mas é bom que nos lembre

De que temos asas

(LEÃO, 2017, p. 110)



Ela sorriu mesmo com a lágrima que insistiu em cair. Sua face ficou com um rastro de brilho molhado e mesmo assim um lindo sorriso iluminou seu rosto.

A lágrima pelas lembranças de suas raízes ancestrais, pessoas, vidas, amores de alguém brutalmente arrancados de seus lares, enfiados em um navio.

Como gostava muito de ler, recordou do trecho de um poema de uma autora que tinha uma admiração especial, Conceição Evaristo, que diz assim¹²:

*A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.*

Doce saudade da sua bisavó que a presenteou com uma boneca, chamada abayomi¹³.

Lembrava da bisa, pessoa especial que conseguia ter doçura e bravura, que soube honrar a separação forçada de sua mãe e irmãos sem perder o coração amoroso, que cultivava a fé em seus ancestrais como força motriz para seguir adiante.

Sua bisa estava ali, entrelaçada aos seus sentimentos, com ela e por ela chorou e sorriu.

Pela bisa, pela avó, pela mãe e irmãos tinha forças para levantar todos os dias com sorriso no rosto e fé no coração.

¹² EVARISTO, Conceição. 2008. Vozes Mulheres. Poemas da recordação e outros movimentos. Belo Horizonte: Nandyala, 2008

¹³ “Para acalantar seus filhos durante as terríveis viagens a bordo dos tumbeiros – navio de pequeno porte que realizava o transporte de escravos entre África e Brasil – as mães africanas rasgavam retalhos de suas saias e a partir deles criavam pequenas bonecas, feitas de tranças ou nós, que serviam como amuleto de proteção. As bonecas, símbolo de resistência, ficaram conhecidas como Abayomi, termo que significa ‘Encontro precioso’, em Iorubá, uma das maiores etnias do continente africano cuja população habita parte da Nigéria, Benin, Togo e Costa do Marfim.” Disponível em <http://www.afreaka.com.br/notas/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino/>

*Sabia que o seu espaço precisaria ser conquistado em alguns lugares, mas estava ali,
viva, estudando e sonhando.*

*Aquele livro, entregue pelo professor de literatura, seguia entre suas mãos. E foi a
fagulha de pensamento que a fez estar nesses recuerdos tão especiais.*

*Lembrou de uma música que mesmo com uma letra que recorda tristes momentos,
faz parte de todos que aqui estão, e cantarolou baixinho:*

*“Que noite mais funda, calunga
No porão de um navio negreiro
Que viagem mais longa, candonga
Ouvindo o batuque das ondas
Compasso de um coração de pássaro
No fundo do cativoiro”*

*Quem me pariu foi o ventre de um navio
Quem me ouviu foi o vento no vazio
Do ventre escuro de um porão”¹⁴*

Afectos e perceptos propiciados pela aula de literatura daquela manhã.

∞ ∞ ∞ ∞

É preciso falar sobre gênero!

Temos as questões atreladas à sexualidade, ao racismo, aos preconceitos diversos que fazem parte de muitos ambientes.

Esse espaço precisa existir!

Embora a Constituição Federal estabeleça que a educação é um direito de todos, sabemos também que as normas precisam de agentes para “sair do papel” e passarem a fazer parte da realidade.

O tema, mesmo que previsto nas normas, está tendo o merecido espaço para diálogo e pensamento? Os planos de ensino contemplam as discussões étnico raciais? A história e a arte contemplam os estudos africanos?

¹⁴ Música Yáyá Mاسsemba de Maria Bethânia. Álbum Brasileirinho. 2003

Essas e tantas outras perguntas podem ser fagulhas de pensarmos a abordagem escolar. Além de tantas outras como: quem são esses alunos? o discurso científico adora números justificantes, então podemos analisar os índices de evasão escolar; olhar para as áreas de uso comum, como refeitório, pátio, há exclusões?

Em se tratando especificamente sobre o racismo e como se atravessa a composição contemporânea que perpassa os espaços acadêmico/escolares, Kilomba (2019, p. 50) questiona: “Qual conhecimento tem feito parte das agendas acadêmicas? E qual conhecimento não? De quem é esse conhecimento?”

A autora ressalta que o espaço acadêmico não é neutro! Há privilégios de fala.

Castro afirma que “ao formularem-se as questões concernentes à escola e às relações pedagógicas, parece haver uma recusa ou uma resistência às narrativas sobre as sexualidades e relações de gênero. Embora sejam parte desses currículos, exatamente porque constituem os sujeitos e suas experiências” (2014, p. 68).

Não consigo me sentir confortável em saber que tais temas sejam tabus. Louro (2020, p. 150) em uma linda passagem expõe:

Não fomos treinadas/os para conviver com a instabilidade, com as dúvidas ou com categorias cambiantes. Por isso é difícil lançar-se nessa perspectiva, subverter matrizes de pensamento, acolher a fluidez, numa arena que tradicionalmente tentou estabelecer verdades duráveis. Não pretendo afirmar, no entanto, que somente pessoas *iluminadas* podem se lançar nesse empreendimento, mas sim enfatizar que essa é uma tarefa que implica uma aposta mais *inteira*, portanto mobilizadora, também, de afetos e emoções.

Precisamos olhar para nossos discentes. Pensar em nossas verdades. Questionar sobre o que acreditamos. Duvidar! Muitas vezes perguntas são mais férteis que respostas prontas. Penso nos estudantes, os entendendo não como quem recebe conhecimento, mas como quem pode trocar, movimentar e estimular que a água do poço não fique parada, adoro usar esse exemplo. A água tão vital, forte, mas que ao ficar parada em um poço apodrece.

Afeto, pensamento, empatia, isso que pulsa a vida e que nos motiva a aspirar novos movimentos de ser estar, sentir e viver.

Por isso a escolha da literatura como ferramenta educacional na busca de problematização de temas urgentes e tantas vezes mal vistos, assim como o gênero. Se chegar hoje em qualquer escola dizendo que quero falar sobre gênero, possivelmente a

maioria das portas ainda irá fechar. Porém, se focarmos em práticas de leitura, trabalho com literatura a portas abrião, esse é o alívio que o poema lá do início do texto também me diz.

Somos das letras

Dos leres

Dos seres

Temos guarida, abrigo e sustância, as normas legais nos permitem ter esse espaço, precisamos ocupá-los das melhores e mais férteis maneiras. Podemos pensar as práticas educacionais com abordagens mais sutis, inusitadas, sensíveis e que a resistência esteja presente nas práticas do dia a dia.

Quando trato de “resistência” a entendo como possibilidades de resistir de maneira micro, resistir a verdades que se mostram, às vezes, tão consolidadas e tão inquestionáveis. O convite de resistir não paira em trazer novas verdades ou anunciar novas maneiras de agir sobre assuntos X ou Y. A resistência que provoço é para que possamos, nem que seja por alguns instantes ou em alguns espaços de existência, colocar em suspenso temas, tabus, verdades, discursos, que se mostram tão engessados.

O processo de fabricação dos sujeitos é muitas vezes sutil e imperceptível, talvez uma tarefa interessante seja desconfiar do que é *natural*. É natural separar meninos e meninas na escola para trabalhos ou filas? É natural que os brinquedos sejam separados pelo sexo das crianças? (LOURO, 2020, p. 67).

Entendo que agir no micro, nas brechas, fissuras, ranhuras, possamos arejar, oxigenar e quem sabe “re-existir” como o título do trabalho convida.

Sim, trata-se de um convite. Convite de exercemos a suspeita. De pensarmos sobre coisas que são reproduzidas com tanta legitimidade e parece não haver novas maneiras de olhar para tais temas.

A cor rosa é de menina e o azul de menino?”

As aulas de artes marciais podem ser bem vindas às meninas e a dança pode ser chacota quando o menino se interessa?

Homem não chora!

Somente pessoas com pele clara ocupando cargos de chefia?

Com um cabelo assim não tem como contratar!

Olha o jeito que se veste! Que fala! Que age! Que se relaciona!

Sem entrar nos méritos de relacionamento afetivo, isso é coisa da mulher, aquilo é comportamento normal de homem!

Julgamentos pela roupa, estilo, cabelo, orientação sexual, cor da pele.

Ou então afirmações que mexem com meu prumo e já ouvi por incontáveis vezes, pessoas e situações:

“isso sempre foi assim”

“é natural”

“é normal”

“desde que o mundo é mundo é assim”

“nasceu assim vai morrer assim”

“me criei assim e estou vivo”

Esses ditos estão pulverizados em nosso dia a dia. Muitas vezes naturalizamos, no sentido de achar normal. Outras tantas fingimos que está tudo bem, mesmo que o peito aperte ao escutar tais frases nas quais tanto repudio.

Recordo de Nietzsche que fala que muitas vezes é mais fácil manter a verdade do rebanho para no rebanho permanecer. Para conviver no grande rebanho precisa de verdades, mas não são verdades de si. São as verdades do rebanho (NIETZSCHE, 2012, p. 30).

Foucault (2015, p. 45) também alerta que a verdade é alicerçada através de relações de poder, esse poder não é uma força que diz ou que reprime, esse poder é uma força que produz coisas, permeia a vida, atravessa o corpo social, produz e proclama discursos. Esse corpo social se movimenta enquanto rebanho e muitas vezes aceita verdades para si, que são as verdades que o rebanho proclama e parecem inquestionáveis.

Essas verdades e discursos do rebanho estão constantemente moldando, conduzindo e educando:

os gestos, as palavras e os discursos que manifestem uma experiência individual própria em oposição ao rebanho, ou não são compreendidos ou trazem mesmo perigo para aqueles que assim se mostrem. Portanto, em primeiro lugar, a verdade é a verdade do rebanho (SOBRINHO, 2001)

Por isso, entendo e acredito na importância de podermos pensar e questionar o que nos chega de forma tão legítima.

Quem somos nós?

O que estamos fazendo com aquilo que entendemos ser?

Como estamos sendo nos espaços que estamos ocupando?

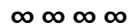
O que estamos fazendo hoje para que possamos não deixar o lago sereno das certezas eutrofizar de tal forma que não consigamos mais enxergar a água?

Trago perguntas. Convites. Provoações. Entendo na seara educacional as vezes as perguntas podem criar espaços de diálogo, reflexão e ainda, trazendo o título do trabalho: pensando na existência, resistência e re-existência.

Com essas questões, o capítulo se encaminha para seu findar.

4.5 QUEM ESCREVE?

um dia
decidi ser eu
e nunca mais
voltei atrás
(LEÃO, 2017, p. 32)



Após tantas lembranças, o sinal da escola tocou, anunciando que a aula tinha acabado.

Se sentia fortalecida, motivada e inspirada. Juntou seu material e na saída levou o livro até o professor e, num misto de emoção, disse:

- quando o senhor entrou na sala de aula, imaginei que fosse apenas mais uma aula. Mas não... ao pegar o livro, fui acometida por um misto de sentimentos...

Parou, olhou para baixo e prosseguiu:

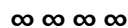
- muito obrigada por ter me conectado novamente comigo mesma. Obrigada por ter feito emergir pensamentos que estavam desorganizados e amontoados muitos deles, com mágoa, tristeza, solidão, junto a fórmulas matemáticas, curvas de física e composições de química. Estava tudo tão denso que pensava que não ia suportar.

Hoje pela manhã pensei em não vir...

Mas aqui estou! Posso, quero e consigo seguir. Minha raiz é de coragem, meu sangue traz luta, meu coração transborda o viver, farei isso por mim e por quem permitiu que meu sangue pulsasse aqui dentro.

Mais uma vez lembrou de sua bisá, parecia ter sentido um vento fresco carregando o doce aroma que sentia quando se aconchegava em seu colo para ouvir histórias.

Saiu sorrindo e agradecendo...



A escola pode ser um local de vivências, de acolhimento a quem ali frequenta. Também pode ser um espaço hostil, perturbador e traumático.

Não podemos negligenciar que a instituição escola produziu e ainda produz diferenças, distinções, desigualdades, a escola se incumbiu de separar os sujeitos os que

tinham acesso e os que não tinham, os classificou, separou, hierarquizou (LOURO, 2020, p. 61). A autora prossegue: “A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou por separar adultos de crianças, católicos e protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas”.

Kilomba (2020, p. 130), atesta que o racismo não é biológico, é discursivo, funcionando através de uma cadeia de palavras e imagens. Dentre tais comportamentos, temos frequentemente comentários, supostamente engraçados, piadas racistas verbalizados em conversas casuais e risadinhas que supostamente ventilam os significados racistas ali presentes (KILOMBA, 2020, p. 136).

Essas práticas, infelizmente, são comuns em muitos locais, inclusive nas escolas. Ribeiro (2019, p. 23) traz uma passagem que vem ao encontro das discussões atribuídas a escola:

Desde cedo, pessoas negras são levadas a refletir sobre sua condição racial. O início da vida escolar foi para mim o divisor de águas: por volta dos seis anos entendi que ser negra era um problema para a sociedade. Até então no convívio familiar, com meus pais e irmãos, eu não era questionada dessa forma, me sentia amada e não via nenhum problema comigo: tudo era “normal”. “Neguinha do cabelo duro”, neguinha feia” foram alguns xingamentos que comecei a escutar. Ser a diferente – o que quer dizer ao branca - passou a ser um defeito.

Uma criança ter esse tipo de recepção escolar é um absurdo. Não me senti nem confortável em transcrever tais absurdos, quem dirá ter escutado isso! Precisamos tirar da invisibilidade esses episódios racistas. Será que estamos proporcionando espaços de diálogo sobre esses racismos do cotidiano? As diferentes formas de ser e viver no ambiente escolar (cor da pele, orientação sexual, alguma deficiência física ou cognitiva) são tratadas de maneira tranquila e acolhedora ou as segregações seguem atuando (e ferindo) dentro das salas que estamos atuando?

Louro traz uma passagem interessante para pensarmos:

Não pretendo atribuir à escola nem o poder nem a reponsabilidade de explicar as identidades sociais, muito menos determina-las de forma definitiva. É preciso reconhecer, contudo que suas proposições, suas imposições e proibições fazem sentido, têm “efeitos de verdade”, constituem parte significativa das histórias pessoais. [...] As sociedades urbanas, no entanto, ainda apostam muito na escola, criando mecanismos legais e morais para obrigar que todos enviem seus filhos e filhas à instituição e que eles ali permaneçam alguns anos (LOURO, 2019, p. 25).

Não pude deixar de tomar nota de uma frase da querida orientadora Marcela em um dos encontros (virtuais) do grupo de estágio¹⁵ “A escola é o chão pulsante da sociedade!”. Essa frase reitera muitas das inquietações, que não caberiam aqui, mas muitas coisas podem ser re-pensadas.

Será que podemos ocupar esse solo levando conosco novas formas de ver, estar, sentir e aproveitar desses espaços escolares? Será que não podemos por alguns momentos pensar como por exemplo: Porque no ingresso da vida escolar as crianças são recepcionadas com ambientes lúdicos, com descontração, cores, alegria, estimulando a interação, comunicação. E, ao passar dos anos, as cadeiras estão alinhadas, corpos domesticados, adestrados, muitas vezes sem permitir a conversa. E, após, a aprovação com sucesso dos corpos domesticados, alguns ingressam na universidade... “Opa!” novas expectativas, aqueles corpos que há anos estão super adestrados, são solicitados a serem ativos, participativos e criativos.

Foucault nos auxilia em estimular práticas de desconstrução. Onde podemos lançar nossos olhares para as mais égides estruturas sustentadas pelo tempo e rechaçadas por excessivas repetições que de tão aderidas parecem ser as únicas formas de vislumbre.

Desconstruir é um convite que a escrita propõe, vamos tentar retirar um pouco do arcabouço histórico que consolida os discursos de gênero, sexualidade como temas intocáveis, como zonas perigosas de se lidar.

Em tentames de cavoucar fissuras pode ser que possamos encontrar novas formas de ser e estar; não para colocar uma nova verdade no lugar, mas para quem sabe provocar ao que está dado.

Após esse momento, o trabalho se encaminha para as considerações.

¹⁵ Encontro virtual do grupo de orientandos da Prof. Marcela para o estágio dia 1/4/21

5. ALINHAVANDO CONSIDERAÇÕES

O trabalho contém muito do que me desassossega e provoca meu pensamento. Os discursos de gênero tão banalizados, menosprezados. A escola que debela uma série de vidas pensantes e atuantes, que vivem as questões de gênero, porém tantas vezes precisam deixar tais questões pelos corredores, refeitórios ou nas mensagens silenciadas.

Provoco que possamos ter momentos de reflexão e pensamento sobre o que nos constitui. Sobre atravessamentos tão presentes e abafados. Não proponho de forma alguma que coloquemos uma “nova” verdade, uma revolução estrondosa às práticas desenvolvidas em sala de aula. Longe disso, provoco que fiquemos à espreita, nas linhas tênues das fissuras, aquelas micro, que muitas vezes não damos atenção, mas podem ser os principais vazamentos de uma estrutura.

Recordando o prefácio do texto, proponho buscar fôlego para colocar em suspenso, verdades que nos chegam com tanta legitimidade. Muitas vezes deixamos discussões importantes intocáveis, como se não houvessem mais espaços para cavoucar momentos de pensar sobre, aproveitando a metáfora da epígrafe do texto, lá no canto do móvel esquecido. Mesmo sabendo que após assoprar, a poeira irá repousar novamente, talvez esses momentos de suspensão, suspeitemos das certezas que carregamos conosco. E, quem sabe assim, possamos ter o pensamento em nômades moradas.

Para findar o texto, impossível não citar novamente Ryane, companhia, que tanto inspirou meu pensar:

uma hora a gente aprende
a fechar todas as janelas antes de deitar
a deixar abertas só as frestas que importam (LEÃO, 2017, p. 91)

Meu até breve do trabalho, tentou fechar as portas quando a escrita possibilitou uma delimitação, porém deixa janelas abertas com o convite de deixar o ar oxigenar, trazer um fresco vento, daqueles como sinto hoje, uma manhã de verão, quando as folhas dançam ao som de pássaros e o frescor invade o ambiente onde escrevo e me despeço, não com um ponto final, mas ao sentir essa brisa e novamente encher os pulmões, antes de colocar (ironicamente) reticências que são muito mais que três pontinhos...

Assim me despeço, já com resquícios de saudade, dessa escrita que se tornou parte de mim. Que mudou a Isabel que iniciou o texto. Que movimentou meu pensamento e me trouxe até aqui. Enquanto docente, discente, mãe, pessoa, penso que o principal convite que proponho é desconfiar das certezas. Possibilitar que duras verdades, moldadas, consolidadas não permitam mais tantos “desencaixes”, que fazem tantas distinções entre credos, cores e amores. Estou falando de vidas, sentimentos, corações pulsantes que somente precisam de respeito. Não se trata de “entender” e sim de entendimento que o respeito e a empatia são propulsores vitais: -julgamento +sentimento, -julgar+respeitar, - ferir+sentir e por fim, ao invés de fazer sofrer=acolher.

**E como não resisto a dançar com as letras: no “acolher” tenho certeza de que teremos
muito mais “a colher”**

POSFÁCIO

∞ ∞ ∞ ∞

E ela adormeceu

Não sabia se era um sonho ou realidade, mas o mar até então sereno, deu lugar a ondas altas e revoltas

O mar se movia fortemente, as ondas em um intenso balançar

E ela estava ali

Em meio a toda cena que se passava diante de seus olhos, havia medo, preocupação, tensão diante de algo que estava longe de se vislumbrar uma solução. Mas precisava de alguma maneira agir, antes que fosse levada adiante.

Respirou fundo, guardou dentro de si o máximo de oxigênio que seus pulmões podiam suportar, fechou os olhos e na próxima onda que se aproximava, talvez a maior das que havia visto, mergulhou.

Foi o mais fundo que pode, abriu os olhos, não enxergava muita coisa, o ambiente turvo, incerto, remexia pelas ondas que passavam logo ali na superfície, mesmo sem respirar, aquele silêncio de ouvidos tampados pela água, lhe fez perceber que havia muito mais além do que estamos presenciando em alguns momentos.

Mesmo estando ali, se acalmou

O silêncio pode dizer muito!

Foi soltando lentamente o ar que estava em seus pulmões e apontando os braços para cima, foi novamente buscando a superfície

Ao sair percebeu que a tempestade estava passando, as ondas ainda altas exigiam cuidado, mas as nuvens densas se movimentavam e um céu azul timidamente aparecia

O céu voltará a ser azul, o mar irá serenar um dia, as gaivotas poderão voltar a voar tranquilas, mas as marcas daquela tempestade ficarão dentro de cada um que passou por ela.

∞ ∞ ∞ ∞

Esse pequeno texto foi feito para finalizar o trabalho que foi construído em meio aos anos de 2020 e 2021. Ainda estamos envoltos a pandemia COVID 19 que assola a humanidade. Em muitos momentos, precisamos trancar a respiração para encontrar uma fuga da tempestade, mas saímos novamente à superfície. A tempestade ainda não passou, mas podemos, com esforço enxergar um pouquinho de céu azul. Embora, ainda precisemos nos cuidar para podermos respirar.

Que saibamos levar as principais lições desses momentos, em que para cuidar é necessário se afastar e ironicamente amar significa não beijar e abraçar...

PARES TEÓRICOS

ÁVILA, Dárcia Amaro. **Gênero nas malhas discursivas do desenvolvimento sustentável: emergências, bio/ecopolíticas e dispositivos**. Tese (doutorado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande, FURG, Rio Grande, 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre Educação e Juventude**. Rio de Janeiro : Zahar: 2013

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Ensino Médio. Disponível em http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=85121-bncc-ensino-medio&category_slug=abril-2018-pdf&Itemid=30192. Acesso em 22/4/21

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. 1988. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acessada em 13 de março de 2021

BRASIL. Lei n. 10639/2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.639.htm#:~:text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20od%3%A1%20outras%20provid%C3%AAs. Acessado em março de 2021

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acessada em 13 de março de 2021

BRASIL. Presidência da República. Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003

BRASIL. Resolução nº 1, de 30 de maio de 2012. Estabelece Diretrizes Nacionais para a Educação em Direitos Humanos. Disponível em http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rcp001_12.pdf. Acessada em 13 de março de 2021

BRASIL. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB 2/2017. Parecer quanto à abrangência das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana

CASTRO, Roney Polato de. **Experiência e constituição de sujeitos docentes: relações de gênero, sexualidade e formação em Pedagogia**. 2014. 256p. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2014

CHIMAMANDA, Adiche. **O perigo de uma história única**. São Paulo : Companhia das Letras, 2019.

CHIMAMANDA, Adiche. **Sejam todos feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a Filosofia**. São Paulo: 34, 2010.

DIANGELO, Robin. **Não basta não ser racista: sejam antirracistas**. São Paulo: Faro editorial, 2020

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

- FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos V - ética, sexualidade e política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. Rio de Janeiro: Vozes. 1987
- GALLO, Silvio. **Deleuze e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica: 2008.
- JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque., VEIGA-NETO, Alfredo., FILHO, Alípio Souza. **Uma Cartografia das Margens. In Cartografias de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica. 2011.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó. 2020.
- LEÃO, Ryane. **Tudo nela brilha e queima**. São Paulo : Planeta, 2017.
- LOURO, Guacira. Pedagogias da Sexualidade. In LOURO, Guacira (Org.) **Corpo educado: Pedagogias da Sexualidade**. Belo Horizonte: Atlas, 2019.
- MATURANA E VARELLA. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do conhecimento**. São Paulo: Palas Athena. 2011.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Editora Vozes. 2020.
- MELLO, A da Silva. **O homem**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1956
- NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratrusta**. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2016.
- NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre verdade e mentira** . São Paulo: Hedra, 2012.
- PAULA, Josi de. Slam: literatura e resistência! **Revista Educação Pública**, v. 19, nº 30, 19 de novembro de 2019. Disponível em:
<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/30/slam-literatura-e-resistencia>
- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia da letras, 2019.
- SAUQUILLO, Julián. **Michel Foucault: Poder, saber y subjetivación**. Madri: Alianza editorial, 2017.
- SOBRINHO, Noéli Correia de Melo. In: Friedrich Nietzsche: **Verdade e Mentira no Sentido Extramoral** (apresentação). Rio de Janeiro: Comum, p. 5-23, 2001.